

# BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A QUESTÃO DO OBJETO DE ESTUDO DA PSICOPEDAGOGIA

**Eliana Branco Malanga**  
Universidade do Santo Amaro

## 1 - O Conhecimento como Produto e o Conhecimento como Dádiva

### 1.1 - O conhecimento como dádiva

Antes de se falar do objeto de estudo da psicopedagogia, o ser cognoscente e da construção do sujeito como tal, faz-se necessário refletir um pouco sobre o conhecimento propriamente dito, "matéria" e "substância" do ato cognitivo.

Na forma mais comum de entender o aprendizado, este era visto como uma apoderar-se dos conhecimentos disponíveis, oferecidos pela sociedade à criança através da escola, da sociedade e da Igreja. Esse conhecimento, ofertado sobre a bandeja e do qual os mais aptos serviam-se fartamente, de onde surgia? Quem produzia tão valiosas informações que somente os mais privilegiados eram capazes de absorver?

Num primeiro momento da civilização, eles provinham dos deuses, que através de seus aedos, místicos e inspirados em geral, transmitiam-no ao povo. Mas, é importantíssimo ressaltar, faziam-no em forma de poesia. O poeta, inspirado, produzia, de acordo com a tradição, em estado de êxtase ou transe, os conhecimentos revelados do alto. Essa transmissão era obrigatoriamente oral e a forma de versos permitia uma melhor memorização.

>>

*A fórmula primeira e mais difundida com que depara o psicólogo ao focar a arte define a arte como conhecimento. (...) Esta mesma fórmula, um pouco modificada, aproxima-se muitíssimo da doutrina amplamente difundida e originária da remota Antiguidade, segundo a qual a arte é o conhecimento da sabedoria e tem como um dos seus fins principais pregar lições de moral e servir de guia.*

(Vigotsky, 1999: 32).

A arte religiosamente inspirada era a forma de produção de conhecimento das sociedades ágrafas. Eram os inspirados que afirmavam, diante da tribo a origem divina das tradições, das ferramentas e utensílios, das técnicas de plantio e colheita, dos costumes, dos cuidados sanitários, das funções e papéis sociais e de gênero. E tudo se fazia para que sempre se fizesse igual, como fora estabelecido nas prístinas eras douradas, quando os deuses ainda conviviam entre os homens.

### 1.2 - A escrita como fator de crise

Apesar do permanente esforço de não mudar as tradições, as condições de produção e progresso material levaram a mudanças práticas e concretas, de modo que, à margem do conhecimento oficial e estratificado começam a surgir novas técnicas para

suprir novas necessidades. Entre elas a de registrar: dados, contagens, estoques, poemas, idéias.

Num processo que toma aproximadamente três milênios, o ser humano do Oriente Próximo (hoje chamado de Oriente Médio) chega à escrita alfabética. Poucos a dominam, mas existe uma modificação na forma de produção e registro do pensamento. O momento inspirado da revelação divina já não precisa ser deixado intato na memória, ele pode ser registrado por escrito e relido, consultado. Pode-se pensar sobre ele, construir novos conhecimentos sobre os conhecimentos difundidos, e, esse pensamento é abstrato, ou pelo menos pode sê-lo, na medida em que se utiliza de símbolos, o que permite construir sobre o já construído.

Esta é a "crise da escrita", que fecundou a história humana de um modo irreversível e da qual talvez ainda no início. Por que, depois de cinco milênios de escrita alfabética estaríamos no início desta crise? Por que somente agora estamos começando a poder pensar a aprendizagem como um processo de produção do conhecimento por parte do ser cognoscente e não de aquisição do conhecimento?

## 2 - Linguagem e Conhecimento

### 2.1 - A Linguagem como Filtro e como Instrumento da Construção do Conhecimento

Maria Cecília Almeida e Silva (1998: 34-35) afirma que, no início, o processo de conhecer passa obrigatoriamente pelas fases de: *perceber*, *discriminar*, *organizar*, *conceber*, *conceituar* e *enunciar*. Num primeiro momento isso se dá pelo contato direto com a experimentação da realidade e posteriormente através da simbolização. Por volta dos dois anos, a criança começa a substituir a ação de contato direto com os objetos por símbolos, que podem ser imagens, palavras, formas, gestos, sons etc.. O domínio de qualquer linguagem exige um aprendizado, sendo que boa parte desse aprendizado é realizado através do convívio social e da socialização.

Aqui é preciso considerar que a organização do que se percebe, a discriminação, organização, conceituação e enunciação da realidade só se dá através da linguagem. No caso da socialização infantil, mais provavelmente através da linguagem oral, e, posteriormente, se for o caso através da escrita. Mas a linguagem não é um instrumento neutro do qual a criança se utiliza para organizar-se internamente e organizar sua percepção. A linguagem é um filtro e controle social. As palavras existem ou não, podem ou não ser ditas, condicionam a organização do que é percebido, de modo que o que o indivíduo vê como real, passa, obrigatoriamente pelos filtros sociais da linguagem.

>>

*Na lingüística moderna, entretanto, a tendência dominante tem sido considerar a língua como organizadora da estrutura conceitual do universo e já se tornou lugar-comum afirmar que ela é "o molde do pensamento", ou "o instrumento de análise ou recorte da realidade" (...); trata-se, em última análise, da tese clássica de W. von Humboldt, para quem a língua é "o órgão construtor do pensamento" ("das bildende Organes Gedanken")*

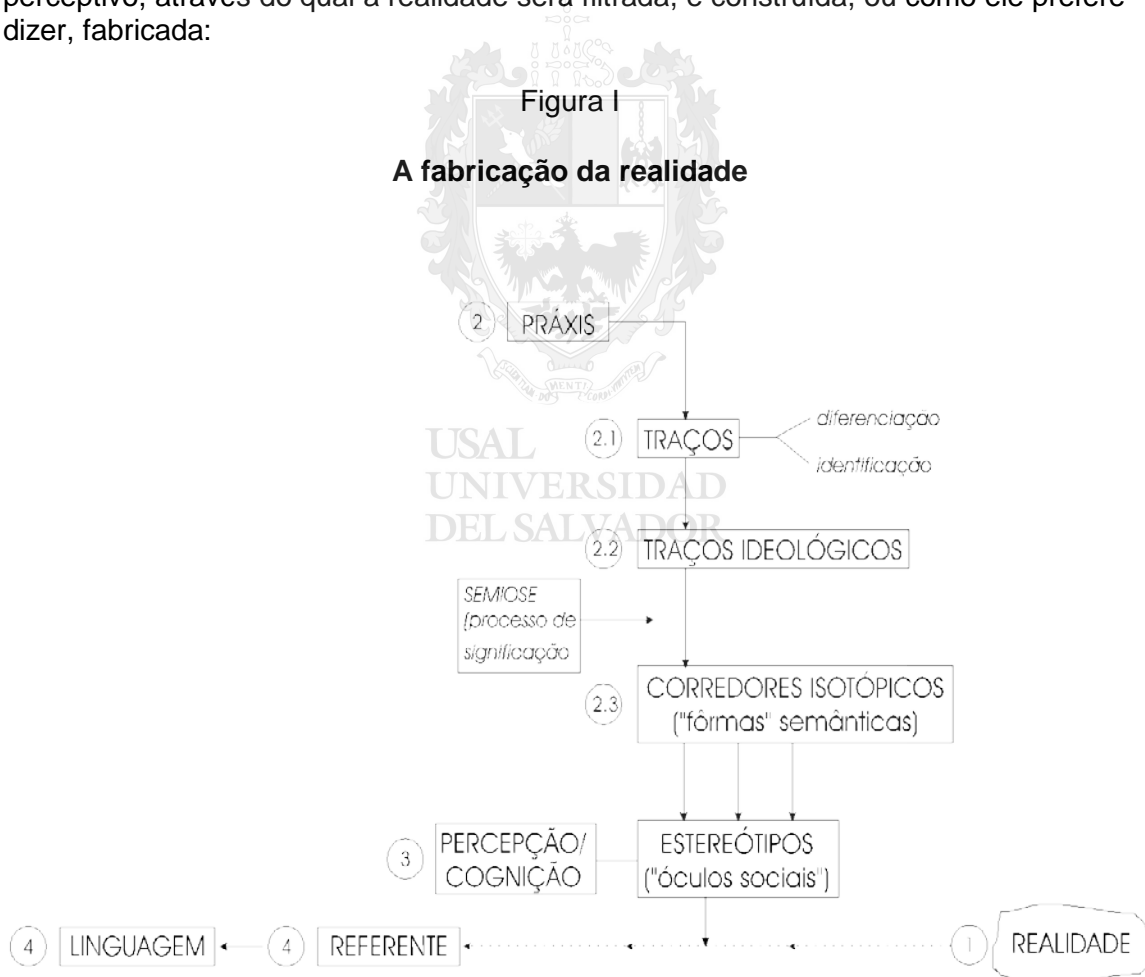
(Blikstein, 1983: 40).

Por que organizamos nossa percepção desse modo? Porque a realidade é caótica e pouco significativa, a menos que seja filtrada e organizada pelo observador. Assim sendo, *na dimensão da práxis vital, o homem **cognoscente** desenvolve, para existir e sobreviver, mecanismos não-verbais de diferenciação e de identificação*: dentro do próprio grupo social a que pertence, o indivíduo *estabelece e articula traços de diferenciação e de identificação*. A partir deste é que ele se torna capaz de *discriminar, reconhecer e selecionar, por entre os estímulos do universo amorfo e contínuo do "real", as cores, as formas, as funções, os espaços e tempos necessários à sua sobrevivência*.

(Blikstein, 1983: 60).

Os traços adquirem valores positivos e meliorativos ou negativos e pejorativos, transformando-se assimem *traços ideológicos*, os quais vão configurar os corredores semânticos ou *isotopias*. Os corredores semânticos formam os "óculos sociais" que vão dirigir a percepção e a cognição. É através, pois dos *estereótipos de percepção* que vemos a realidade.

Blikstein (1983: 63) utiliza o seguinte gráfico para explicar a formação do aparelho perceptivo, através do qual a realidade será filtrada, e construída, ou como ele prefere dizer, fabricada:



O referente, que normalmente identificamos com a coisa, ser ou objeto percebido, não é, pois, a realidade propriamente dita, mas a realidade percebida através dos "óculos sociais" que permanentemente utilizamos. A compreensão de que a cognição se dá de forma tão complexa e mediatizada é um instrumento útil quando se estuda a religião e

os textos religiosos, permite ao pesquisador buscar entender a formulação do pensamento religioso e sua manifestação simbólica.

### **3 - A Psicopedagogia e seu Objeto de Estudo: a Escrita como Aquisição ou como Produção do Conhecimento**

A questão do objeto da Psicopedagogia se relaciona com a maneira como entendemos o conhecimento e a própria escrita: se como dádivas divinas a serem compartilhadas com os aprendentes, se como resultado de um processo produtivo. No primeiro caso, o objeto de estudo da Psicopedagogia se resumiria àquilo que a autora nos diz ter sido sua primeira abordagem: uma terapia para superar as dificuldades de aquisição do conhecimento.

>>

*No início, seu objeto são os sintomas das dificuldades de aprendizagem — desatenção, desinteresse, lentidão, astenia etc. e, assim, seu objetivo é remediar esse sintomas. A dificuldade de aprendizagem seria apenas um mau desempenho, um produto a ser tratado.*

(Silva, 1998: 25).

Entretanto, se entendermos o conhecimento como um processo contínuo, tal como tende a fazê-lo hoje a filosofia da ciência, não se pode esperar que a Psicopedagogia seja uma terapia para as dificuldades de aquisição do domínio dos códigos ou linguagens que permitem a produção do conhecimento, mas é necessário situá-la num patamar mais alto, obtendo-se assim uma visão mais ampla. Nesse caso, entenderemos a Psicopedagogia como a área de estudo interdisciplinar, abrangendo *diferentes áreas do conhecimento, e cujo campo de atuação seria identificado pelo processo ensino/aprendizagem* (Andrade, 1998: 33), e que tem por objeto de estudo o ser *cognoscente* (Silva, 1998: 51).

### **Bibliografia**

BLIKSTEIN, Izidoro. *Kaspar Hauke ou A fabricação da realidade*. São Paulo: Cultrix/EDUSP, 1983.

ELIADE, Mircea. *Aspects du mythe*. Paris: Gallimard, 1963.

\_\_\_\_\_. *Le mythe de l'éternel retour; archétypes et répétition*. nov. ed. rev. aum. Paris: Gallimard, 1969.

\_\_\_\_\_. *Mito e realidade*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 1998. (Debates, 52).

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: a vontade de saber* (1). 11. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1993. (Biblioteca de filosofia e história das ciências s/v ).

\_\_\_\_\_. *História da sexualidade: o uso dos prazeres* (2). 6. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1990. (Biblioteca de filosofia e história das ciências v. 15).

MORIN, Edgar. *Ciência com consciência*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

\_\_\_\_\_. *Introdução ao pensamento complexo*. 2ª ed. Lisboa: Instituto Piaget, 1990.

\_\_\_\_\_ *Para sair do século XX*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

SILVA, Maria Cecília Almeida e. *Psicopedagogia: em busca de uma fundamentação teórica*. 2. imp. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

VIGOTSKI, L. S. *Psicologia da arte*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.



USAL  
UNIVERSIDAD  
DEL SALVADOR